

JOSÉ CASADO

# Um presidente meio chateado

ESTADO DE SÃO PAULO



**FH poderia fazer uma reeleitura daquilo que andou dizendo o senador**

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem mostrado-se chateado com os sinais de declínio na sua popularidade. Análises pesquisas e todas indicam que o eleitorado de oito capitais anda chateado com o governo FH. Segundo o porta-voz da Presidência da República, Sergio Amaral, o presidente acha que a sociedade brasileira está "muito exigente".

São sinais preliminares de mútua insatisfação. Pode-se até creditar ao presidente alguma razão no seu muxoxo, porque as sondagens de opinião pública surpreendem revelando indícios de parco reconhecimento à principal obra de seu governo — a estabilidade da moeda. E, é necessário reconhecer, até aqui ninguém estabilizou como ele.

No entanto, o presidente com certeza está exagerando no estrilo, que deve ser integralmente debitado à conta do choque dos resultados das pesquisas para sua vaidade de político e intelectual. Aí, não tem jeito: está enlaçado pelo que chamam de progresso, ou a substituição de um aborrecimento por outro — na precisa definição de Havelock Ellis. Sua alternativa, nesse caso, seria começar a achar que a massa, na sua infinita sabedoria, tem alguma razão. E começar a repensar seu futuro.

O presidente FH poderia começar, por exemplo, fazendo uma reeleitura dinâmica daquilo que andou dizendo o senador Fernando

Henrique, em discurso no Memorial JK (Brasília), no dia 28 de julho de 1994, véspera do real completar seu primeiro mês de circulação na praça.

Na época, o senador era candidato presidencial. Ensaiaava a decolagem nas pesquisas de intenção de voto e mostrava-se mais ansioso em realizar um sonho de poder do que o eleitorado demonstra estar agora com a utopia da democracia, na forma de uma distribuição mais justa da renda.

O candidato dizia, como se antecipasse os eleitores nas pesquisas atuais: "Estabilizar a economia não basta. A estabilização não é um fim em si mesmo, mas é um passo indispensável para recolocar a sociedade na rota do progresso econômico e social". Acrescentava: "É preciso, agora, aproveitar o avanço na estabilização para atacar de frente os problemas estruturais do País".

Pode-se concluir que o eleitor Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro entre os insatisfeitos. E ninguém melhor que ele para ocupar a liderança nessa vanguarda: o candidato sabia exatamente o que estava fazendo.

Os problemas do presidente FH começam e terminam na agenda de promessas do candidato Fernando Henrique. Com o real no bolso, o candidato fez peripécias de sociólogo para garantir o mais amplo espectro de alianças políticas. E tocou a campanha esquivando-se de assumir compromissos

nítidos de qualquer natureza — exceto a manutenção do Plano Real, que já existia.

No Palácio do Planalto, um terço do mandato depois, continua tudo como dantes, mas ao contrário: em nome das "reformas estruturais" — cujo conteúdo não é nem muito reformista e nem tanto estrutural —, está levando o governo a assumir todo e qualquer tipo de compromisso político, não importando o grau de nitidez que possuía.

Como a natureza desses compromissos é contraditória e a prioridade é a mesma, todos acabam valendo tanto quanto nenhum. A banalização dos atos e decisões de governo é a consequência.

Exemplos recentes: numa semana o governo FH anuncia que está sacando R\$ 8 bilhões do bolso do contribuinte para investir num extraordinário programa de recuperação do Banco do Brasil (BB). Duas semanas depois, faz o enésimo acordo com um grupo de congressistas-representantes de proprietários rurais para "aliviar" a execução das dívidas que há anos eles espetam no caixa do banco federal. E nunca pagam.

Em seguida, seu ministro de Assuntos Políticos recebe um grupo de deputados mineiros no Palácio. Na reunião, acerta-se o saque de mais meio bilhão do caixa do BB para socorrer uma empresa privada agonizante, a empreiteira Mendes Júnior, como se o poder público fosse responsável pelas estripulias financeiras do grupo — por acaso, análogas às de seu principal cliente, o governo Saddam Hussein.

Quando candidato, FH desfilava mostrando os cinco dedos esticados da mão, num gesto simbólico

do seu suposto limite de compromissos de governo. Na essência, cada uma das promessas era apenas promessa, vagas no conteúdo tanto quanto a mão aberta. Emprego, educação, saúde, agricultura e segurança — repetia. "Não são metas exclusivas nem foram consideradas de forma isolada", dizia, acrescentando: "Compõem um projeto maior de desenvolvimento, que se viabiliza no longo prazo e cujas bases pretendo lançar".

Um terço do mandato cumprido, os compromissos do candidato transformaram-se em metas em um cartapácio sob o título Plano Plurianual de Ação. Quem se der ao trabalho de ler poderá encontrar os investimentos programados pelo governo FH: educação (1,1% do total previsto), saúde (1%), emprego (0,03%), segurança (0,4%) e agricultura (1,6%).

Somam 4,1% de toda programação de investimentos assinada pelo presidente para o resto de seu mandato, no período 1996-1999. Equivale a R\$ 18,7 bilhões ou meio Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) com que tenta salvar uma fração da banca doméstica.

As pesquisas que chocam a vaidade presidencial talvez mereçam mais que uma análise precipitada, como as que vêm sendo feitas no Palácio do Planalto. Elas indicam sinais de uma percepção coletiva: o governo não avança porque se tornou prisioneiro da tática que o presidente escolheu para tentar manter suas alianças antagônicas — a de ser pouco exigente com ele mesmo.